

crónica  
do quoti  
diano in  
útil

*VOLUME 3&4 (1970-1982)*

*J. CHRYS CHRYSTELLO*

# ÍNDICE

[451. dedicatória](#) [porto, março 31, 1975](#)

## **[mulher](#)**

[474. poesia revisitada](#) [porto, maio, 16, 1976](#)  
[441. marialvas sem cartilha](#) [dili, timor, abril, 21, 1974](#)  
[449. eros nos jardins de leste](#) [dili, timor, nov., 25, 1974](#)  
[452. memórias](#) [dili, timor, abril, 13, 1975](#)  
[459.\(à angie\)](#) [porto, nov. 8, 1975](#)  
[466. cântico a mardej](#) [porto, janeiro, 11, 1976](#)  
[476/477. cortar amarras \(à nô roquette\)](#) [s. martinho do porto, set. 5, 1976](#)  
[446. este o roteiro \(à evy\)](#) [dili, timor, nov. 18, 1974](#)

## **[ego](#)**

[455. te \(a ti próprio\)](#) [s. martinho do porto, set., 23, 1975](#)  
[456.1. a dúvida \(carta a um homem só\)](#) [porto, nov 5, 1975](#)  
[447. nascem os dias](#) [dili, nov 18, 1974, porto, julho 10, 1976](#)  
[468. vontade é partir](#) [porto, fev 3, 1976](#)  
[467. bali \(capítulos i a ix\)](#) [bali, novº 74](#)  
[469.2. \*le poisson d'avril\*](#) [porto, abril, 1, 1976](#)  
[469.1. dia de enganos](#) [porto, abril, 1, 1976](#)  
[488. gostava de ser poeta](#) [macau, dez. 17, 1977](#)  
[487. a grande muralha da china](#) [macau, nov. 1977-10 dez. 1980](#)  
[489.1. os grandes atos heroicos](#) [timor, abr. 1, 1975; macau, dez. 18, 77](#)

## **[mundi](#)**

[438.3 habito uma ilha,](#) [dili, abr 4, 1974](#)  
[442. prazeres sem orgasmo](#) [dili, abr 25, 1974](#)  
[431. eurasiamente à vol de 737b](#) [set. 1973](#)  
i. da europa ao oriente-do-meio [telavive, israel, set. 19, 1973](#)  
ii. a terra dos persas [teerão, irão, set. 19, 1973](#)  
iii. indiana união [nova delhi, índia, set. 19, 1973](#)  
iv. no reino do sião [bangucoque, tailândia, set. 20, 1973](#)  
v. timor [baucou e dili, timor, set. 20, 1973](#)  
[433.1. bucólica bobonariana 1](#) [bobonaro, timor, nov. 23, 1973](#)  
[450. o teto do mundo](#) [dili, dez. 3, 1974](#)  
[434. a lepra bucólica bobonariana 2](#) [dili, timor, dez. 3, 1973](#)  
[445. para que não digam](#) [dili, timor, set. 25, 1974](#)  
[486. tai pan](#) [macau, out. 15, 1977](#)  
[484. tufão](#) [macau, jun. 27, 1977](#)  
[451.1. porque jovens](#) [bali, dez. 3, 1974](#)  
[440. poemato](#) [dili, timor, abr. 1974](#)  
[443. post-scriptum a andré breton](#) [dili, timor, jun 16, 1974](#)  
[457. ociosidade](#) [porto, nov. 6, 1975](#)  
[495. colonos do mito](#) [macau, 27 fev. 1981](#)

**aviso importante:**

esta arte é circular,  
(um círculo por cada ano de vida)  
agrupados em 3 esferas:

*MULHER  
EGO  
MUNDI*

cada ciclo tem por base a congruência de todas as incoerências da unidade do pensamento do criador que se autorreserva de ilimitada idoneidade para a mais ampla, livre e independente expressão dos seus egos. o globo mede 170 centímetros com uma massa de 63 quilogramas e gravita na eternidade.

(ilustrações por António Conceição Júnior, Macau 1977)



OUTRAS OBRAS DO AUTOR (À DATA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)



CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL (VOL. 1)

EDIÇÃO DO AUTOR, ABRIL 1972, TIPOGRAFIA ROCHA V. N. GAIA

DISTRIBUIÇÃO UNICOOP, PORTO

LIVRARIA LATINA, PORTO

PARCERIA A. M. PEREIRA, LISBOA

CRÓNICA (SEGUNDA) DO QUOTIDIANO INÚTIL

EDIÇÃO DO AUTOR, DILI, TIMOR, ABRIL 1975

DOSSIER TIMOR (FORA DO MERCADO)

EDIÇÃO JN, 1975

CRÓNICA TERCEIRA DO QUOTIDIANO INÚTIL ENLOBADA NA

CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL VOL. 3&4 POR PUBLICAR

**451. (dedicatória). mar 31, 1975/mar 5, 1981**

a meus pais  
de quem nasci  
à mulher-mais-que-inventada  
que imaginei  
aos amigos sobrevividos e esparsos  
aos bastardos  
inúmeros e inominados  
aos outros  
companheiros  
desta viagem última

...

...

ao país emigrado  
ao povo ignoto  
e só  
às estórias-da-História-por-contar.

...

...

lego as palavras  
primeiro exiladas  
inconquistas  
cidadelas da utopia

o poem'arma vem  
e grita  
renúncia  
zenital voz  
incestuosa geometria  
mentira do corpo

da raiz do tempo  
da vala-comum do sonho  
o voo supremo  
o alento  
e a revolta

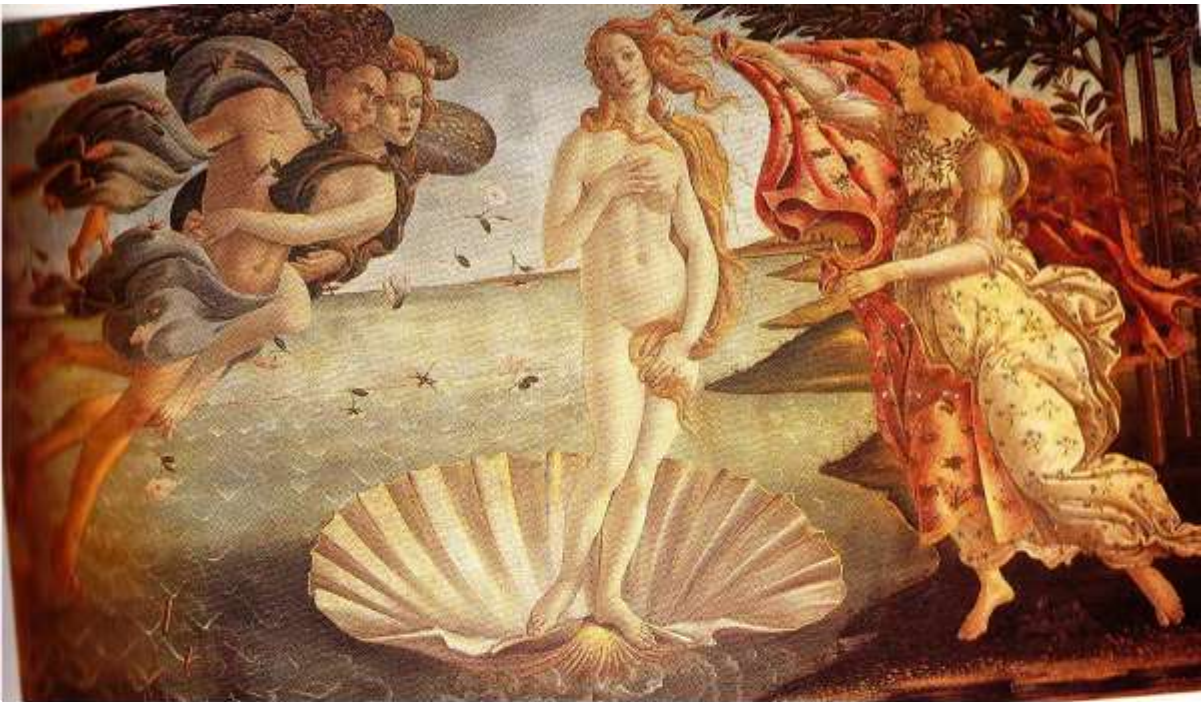
(esta a leitura libertante)

honorada gratidão  
aos que me lerem  
construtores de fogueiras  
perenes habitantes  
deste deserto com vozes

a amizade e o verbo  
e o livro  
se fez casa  
à boca-de-cena  
o ponto vos cita  
atores multiformes  
desta farsa  
quotidiáfana

juntos escalámos  
estradas de asas insuspeitas

*"god's on trip  
getting high  
god save our bob hope".*



MULHER





474. poesia revisitada ( de novo a ti, daniel filipe). 16 mai 1976

ALERTA! a imaginação tomou de assalto o poder!

hoje

virão talvez crianças

descendo as sagradas ruas das máquinas  
acampando nas avenidas da liberdade

por inventar

dando-nos as mãos

os sorrisos

os sonhos

hoje

nas campas rasas

estarão heróis que nunca foram  
perguntarão quando seremos ouvidos?

(a nossa carne encheu canhões  
no-la recusam agora?)

os mendigos

desempregados

reformados

deficientes das guerras todas

as pegadas

messalinas

prostitutas

meretrizes

chulos

traficantes de ilusões

os ladrões

criminosos

e demais gente ordinária e vulgar

anunciam manifs reivindicativas

"a greve será total! – dizem")

enquanto isso

partidos

militares

sindicatos

demais desorganizações de massa

exigem

do governo

a ordem

a força

a autoridade

das armas

a repressão

o estado-de-sítio

a censura

até mesmo a pena de morte

por toda a parte

solidária é a luta dos oprimidos

– clama o poeta!

única é a voz dos marginais

- escreve o louco sensato  
nas paredes e grades

desta prisão

(aqui e além leves escaramuças populares

não há baixas dignas de registo

- asseveram fontes oficiais  
geralmente desinformadas)

a sociedade é um flagelo social do indivíduo

libertemo-nos da grande ameaça – denunciam os dissidentes

a situação é calma

assegurado o controlo total do país

militares, militarizados e milícias

em prevenção rigorosa

algures à mesma hora

num público jardim

um casal de amantes

felizes

desocupados

despolitizados

fazem amor

despreocupado

sem carácter de urgência

confundidos por vulgares agitadores da ordem

foram chacinados ao despontar o amanhã

(felizmente havia luar!

comentou lacónico o primeiro-ministro  
muito dado a lucubrações intelectuais.)

441. marialvas sem cartilha. abr. 21, 1974

*(para um diário dos dias por silenciar)*

inventario teu corpo vazado  
urgente fruí-lo enquanto puro

depois  
    abandonada  
erguerás o apelo  
    o deve e o haver  
    o balanço digráfico  
desperdício  
    formas sem uso  
    comércio em desvalorização  
e o investimento do corpo  
    sem reservas fiscais

sejamos compreensivos  
    toleremos a depreciação  
o estoque inútil de teus ossos em saldo  
o líquido lucro da virginal lembrança  
hipotequemos a mercadoria  
    vendida  
    trespassada  
    até à exaustão  
cumprir-se-á o destino  
    prazer pago  
    parca comissão  
satisfeita a lúbrica ânsia  
    a frustração  
    sem choros nem queixumes  
apodrecida e descarnada  
    venderás luar em teus olhos sem vida  
    nas esquinas do tempo-gasto  
    pobre meretriz de tolos e vadios

então o IMPÉRIO  
    a GRANDE INDÚSTRIA  
    Corpos e Cia. s.a.r.l.  
reunirá o conselho de administração

abatida ao património  
                                ossos inúteis  
  sem ofício nem remorso  
ninguém lembrará a força bruta  
  a tímida escusa  
criança sangrenta desflorada  
sem direito a crescer  
o lar submisso onde não aprendeste  
  a sonhar  
amor a prestações  
lenta morte  
                                sorriso alvar.

o desdém presidencial  
tranquidormentes consciências  
proclamações de progresso irrefreado  
lucros de sociedades novas  
sublimes missões

homens novos  
                                todos predestinados  
                                comprando luar em todas as esquinas.

#### 449. eros nos jardins de leste. dili nov. 25, 1974

os corpos se venderam  
por dez reis de nada  
assim se serviam  
do que criam inútil  
e se davam  
fáceis e apáticas  
faziam amor  
como quem respira

isto é  
o rimo cósmico da órbita do poema  
descrevia uma senoide irregular

e de tanto engravidarem  
sentiam na carne  
o vício de todas as necessidades

e de tantas fomes acalentarem  
o instinto as aguilhoava  
nascituras  
logo então vitimadas

- EROS senhor e amo nos jardins de leste –  
pequenas  
saracoteantes  
delicado delinear  
de dietas forçadas  
figuras de cabaia e lipa  
dos agrestes picos montesinos  
às estéreis planuras  
frágeis ninfas  
na terra que "o sol em nascendo vê primeiro"

diac ca lai? la diac malai  
e a gente compra  
Escudo iha . né  
la coi! ata!  
lima escudo  
cabeça bulak! menina lá diac... ossam bário

lulic  
loro mai massimida

os lábios de carmim da viva cal e da harecan  
haneçam laha malirin.

452. memórias. dili abr. 13, 1975

ave louca  
                  sinusoide voo  
rias-te  
                  nem sabias o quê  
                          de quê  
  
era já o fumo  
                  olhos e mãos  
                                  baça voz  
gestos nunca antes inventados

sabíamos do tempo  
                          a imponderabilidade  
a curva obscena dos corpos  
na posse do mundo  
                          estávamos e éramos  
coloridos e diáfanos  
                          queimávamos identidades

alguém cantarolava  
                  palavras  
                          desconexas  
                          inúteis  
carícias  
                  premeditadamente esquecidas

ela se levantou  
                  e a víamos como se não fosse  
isto é  
                  criada no instante mesmo  
hesitante  
                  avançando pela janela  
ninguém a abria  
                  seria talvez noite  
transcendental o país  
                  bebedeiras de amor  
                  roteiros estelares  
no suor do regresso  
                  como se nunca partiras  
no sorriso distante  
nos teus lábios  
                  cresceram da criança os olhos

encheu-se a sala  
frágeis gestos  
alguém ousara!  
na rua um escape  
no silêncio do grito  
a regra é saber que horas são  
ou o medo  
a vertigem  
a regra do pavor  
o voo de ficar

céleres que nem imagens  
falam de nós  
no teto branco nu  
ou somos  
desirmanados  
no frémito que nos invade  
a resposta recusada  
texto ou resumo  
a vida violada.

459. (à angie). porto, nov 8, 1975

nesta calma  
doentia e resignada  
mórbida conformação  
de assistir agonias  
estrangulámos sentimentos

impávido e solidário  
no logro deste fatum  
voarei  
livre de asas  
aos cumes mais sacrificados  
à dor insuportada  
gritarei  
te amo

este o curso da vida:  
o decurso  
o discurso  
o recurso  
o incurso  
o excurso

anda  
vem correr pela praia  
mãos ao vento  
na areia  
ainda molhada

adolescências perdidas  
vens?



#### 466. cântico a mardej. porto, jan 11, 1976

o enorme pássaro azul te descreve  
em seu reflexo vejo do voo

o prazer  
e vou

imaginar é já esta viagem insuspeitada  
asas multiformes

amplos espaços  
roteiros de ti

(a LIBERDADE não se aprende  
conquista-se!)

círculos de luz  
na cor  
no ciclo irrepetível do tempo.

Mardej era o nome  
flor apenas  
e jovem

alva página esta  
página alta  
insubmissa

virginal era o silêncio  
e se fez bailado

frágil o corpo  
e se fez música

revoluteavam línguas  
unhas de fogo e fome

migrantes mãos  
percurso primeiro  
incontidas  
hesitantes  
exaltantes

era amor?

nem o sabíamos fugaz.

**476/477. cortar amarras (com e à nô roquette). s. martinho do porto, set. 5, 1976**

partir!

    cortar amarras  
como se ficar

        fosse já um naufrágio

ficar!

    como quem parte nunca

partir

    como quem fica

        nas asas do tempo

esta a mensagem última

        solidão sem nome

o ridículo das palavras nos move

sim! creio em nós! ou talvez não

os filhos farão a história

        e será deles

                talvez a esqueçam

partir!

    cortar grilhetas

        como se morrer fosse

levar este desespero

    ao limiar

        de todos os impossíveis

vencer ameias

    cortar amarras

velas ao vento

    olhar do mundo

        os deuses e a carne

crua

    impiedosamente

        se vive

este tempo de incúrias

        me inunda

no passivo desleixo

buscar um ego por medida

erguer a voz

    sem medos

rasgar as pedras

    e o ventre

semear desencanto

        esta aridez que me possui

...

....

.....

e sorrir

    no olhar verde da grande utopia

na espera dos louros cabelos  
na esquinas destes corpos entrecruzados  
nascer  
de novo  
uma vez mais  
(em vão?)  
acreditar coletivo este inferno  
dar o salto  
transpor a fronteira  
entre o ter e o ser  
imaginar  
como só os loucos sabem  
o desprezo  
armar sorrisos  
às conveniências  
agonias lentas  
de conivências  
...  
....  
.....  
criamos a norma-anti-norma  
anti-resposta  
anti-vida  
como ser feliz  
aceitar os sonhos  
e então chegaste  
com primaveras nos dedos  
loucas promessas  
insinuavas  
despontaste  
como quem acorda  
horizontes perdidos  
demos as mãos  
sabor de início de mundo  
depois nos disseram  
do ódio  
como um aviso  
espiavam-nos as sombras  
com uma raiva infrene  
cuspiam nos olhares  
que não entendiam  
este o lado outro  
das palavras por dizer  
(em são martinho do porto)

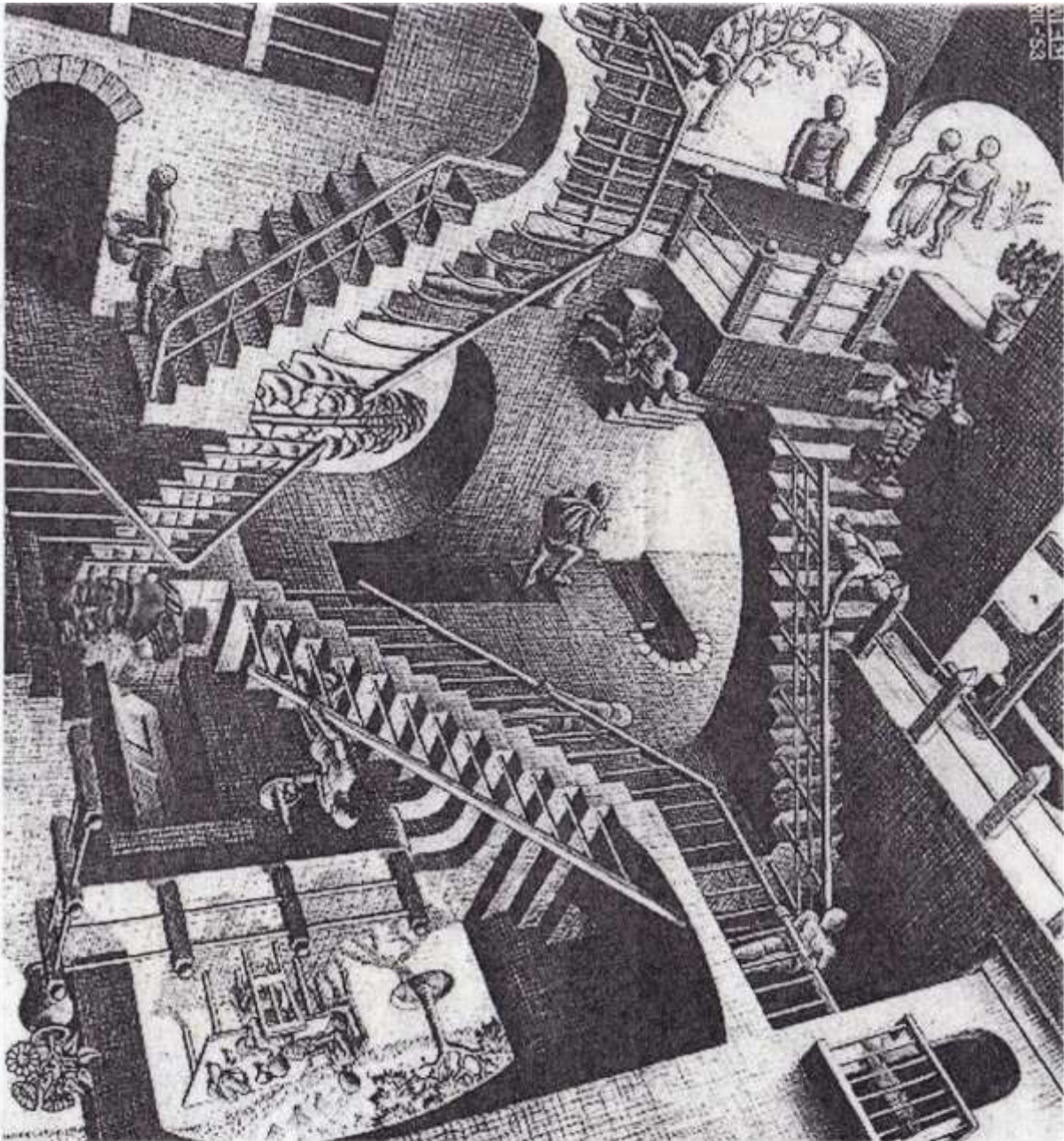
446. este o roteiro (à evy). dili nov 18, 1974

este o roteiro  
                  nem imaginado  
  pressentido  
abrimos a paisagem  
                          devagarosamente  
como se licençaouvérámos  
                                  de pedir  
  às estrelas do chão  
o brilho pulsar  
                  deuses de lama  
em ti o corpo madruga  
pérolas negras  
                  no azeviche dos cabelos  
é teu o sexo  
                  e o bailado da sua sombra  
  desconheço  
longa esta noite  
                  de mil vigílias  
a palavra denúncia  
o medo insuperado  
cavas o fosso  
                  no abismo d eteus olhos  
te deitas  
                  navega o ventre  
                                  no vento do tempo insuspeito  
é nosso o fruto  
                  e proibido  
mosto sagrado  
                  as colinas e o delta  
  vénus pitonisa  
calamos minotauros  
                  erguemos jasões  
para quando o sangue desta núpcia?  
  ardente sede nos consome  
  (na tua aridez cabo-verdiana).





# EGO



444. *cantiga de amigo, dili, jul. 20, 1974*

*para o zé c., aqui na varanda da aidil ao vê-lo triste  
pela crítica ao “seu” jornal<sup>1</sup> Carlos Prata Dias*

*já alguma vez te encontraste realmente?  
quantas vezes foste peão do “grande jogo”?  
quantas vezes te empenharam em luta alheia?  
no estrume de orgulhos recalçados  
de ternuras fugidias  
de posses emprestadas  
semeia o viço da vontade  
deixa florir o que em ti tens  
colhe a calma de seres tu próprio  
vive enfim a TUA vida.*

operário da grande luta  
  jamais vencida  
embalo-me em sonhos de ocasião  
perdido peso de muitos jogos  
habito este tempo perdido  
  desespero  
  cultor de utopias  
creio no Homem  
  sobre todas as coisas  
se existo  
  a quem me não devo?  
se vivo  
  por que não querer-me?  
onde eu?  
quem de mim  
  jamais acreditou?  
para quê encontrar-me  
  se é mais fácil este engano?  
crio a ilusão de todas as idades  
alheado de mim  
  aos outros dando  
  tudo quanto necessito  
para quê negar as pagas  
  nunca recebidas  
fortunas dissipadas  
  nunca foram em vão  
canto a voz amara de ser só.

---

<sup>1</sup> A Voz de Timor, em Dili de que era redator-chefe



455. te (a ti próprio). s. martinho do porto, set. 23, 1975

caminhas como se asas houvesse  
ignoras o pensamento  
e te transporta  
círculos descreves  
negação do ego teu  
existes  
enquanto contraditórias  
as razões tuas  
delas te evolais  
por sobre a turba anónima  
em nada crês  
e é tua a natura-mãe  
motivo  
consequência  
dos outros  
sabes a inocência ingénu  
e o dolo  
proclamas o autoequivoco do elogio.  
TUA  
A VERDADE  
só tu conheces  
habitas  
desprezas  
falso o mundo  
dos olhos teus  
como a estória do que sentes  
dos bosques sabes a ramagem  
das nuvens os castelos  
caminhas  
e em ti o equilíbrio é etéreo  
ambicionas o mutismo  
linguagem universal  
do devir  
crias quotidianos personagens  
ancestral a sabedoria que rejeitas  
alquimista de impossíveis  
de ti  
a imagem só tua  
no lado outro do espelho  
de ti  
a fala e o canto  
e o mundo que conheceste  
inventando.

(ESTE O SOBREHUMANO HINO).

## 456.1. carta a um homem só. porto, nov 5, 1975

nasce  
    nem se sabe donde  
coleante  
    se forma  
    se insinua  
impotentes  
    desmascarámos  
                    a voraz hidra  
renegada senhora de nós

dos dias  
    se rói a memória  
malsã mentira  
    a sabemos

tácito enleio  
também tu  
    chegas  
                    teu sorriso-menino  
acaricias o hábito  
                    silente  
                    cúmplice

palavras haverão  
                    nunca vencidas  
é profundo este fosso  
                    mudo  
fugaz e única  
    esta vida  
póstuma  
    a alegria  
perenes  
    inclementes  
                    dúvidas

(lembras-te?  
amas-me, meu amor?  
                    responde  
                    mente-me)

respostas preconcebidas  
                    vagas

inapercebido o salto  
inconsequentes  
o vazio  
o abismo

lembranças com sabor a pesadelo  
jogos do antigamente  
o melhor é continuar  
fingindo  
desespero

suspeitas vãs  
o despertar tardio  
jamais será mágico  
acabrunhados  
repetimos o logro  
irreconhecido.

447. nascem os dias. dili, nov 18, 1974, porto, julho 10, 1976

suburbanamente vives  
renasces quotidianamente  
                                no sol que te alimenta  
  te transporta  
hábitos comprimidos no sono  
                                cheiras a cama  
correndo te perdes  
                te cansas  
nascem os dias na cidade  
                                em cada rua  
  esquina  
no matraquear lento dos minutos  
nos acotovelámos vorazes  
por entre a sandes e o copo de leite  
a grande corrida no relógio das veias  
e já somos o rebanho  
                                e o cansaço  
triturados no suor do trabalho  
na lufa do jantar  
                                um marido às prestações  
os filhos endormentes  
a televisão deserta  
                                o sono  
cansados os corpos  
                                desconhecidos repousam  
até um dia amor  
                                e chamar-se-à liberdade  
nos dormitórios da cidade  
                                o silêncio nos embala  
sem voz que se erga  
                                nos sonhos  
  que nos proíbem  
sem que a desfraldemos  
                                no edifício dos corpos  
  a alegria das bandeiras  
neste país dos cravos  
                                as lágrimas vermelhas do seu sangue.  
deixar a alma  
                                deste ritmo  
  parar  
deixar o instante  
                                deste tempo  
  renascer eterno  
esta a proposta inicial,  
                                iniciática  
  até lá como?

#### 468. vontade é partir. projetos para uma utopia fev. 3, 1976

improvisa um despertar  
nada tens aqui de teu  
nada podes perder  
  quando nada tens  
só a solidão pode perdoar  
improvisa um despertar  
dele será a tua luta  
  quotidiana  
cobardes  
                                inermes  
  inertes  
  e outros  
bichos-de-sem-vontade  
mero adorno  
  objeto a marginalizar  
vontade é partir  
tu  
    as alturas e as muralhas  
    montanhas do teu ser  
vontade é erguer novo  
tu  
    mundo dos filhos sonhados  
    habitantes futuros  
  
improvisa um despertar  
  e parte!  
o que é novo  
o que é mundo  
  não esperam  
  tu desesperas  
parte já  
    novo o queres  
logo é já amanhã  
  demasiado tarde  
  
cá em baixo do céu  
mulher  
    tu  
        amor  
                nem de plástico  
e tudo é azul  
no calor tranquilo  
                                amodorrimento da família  
amoleces na indecisão  
deixa o hábito onde o usaste  
  sempre  
  num cabide

esquece-te dele  
deixa passados por ressuscitar  
sonhos irrealistas

qualquer passado  
é futuro de triste presente  
não é livre como o vento  
nem raiz no pensamento  
vontade é partir  
como quem regressa  
saber do hoje  
o percurso frustrate

sem donos nem senhores  
à desfilada na noite  
da libertação  
conheces utopias  
tua a voz  
incómoda  
perdida a louca compostura  
do silêncio  
a vida no grau zero  
do zen.

## 467. bali (fev. 10, 1976)

### I

tapem depressa esse sol imenso  
apaguem o cinzento em todas as nuvens  
consumam o ar respirável e grátis  
  (se ainda restar)  
abatam a machado o castanho  
  das árvores verdes  
drenem rios e mares  
  se ainda impolutos  
nas pradarias plantem de concreto  
  gaiolas de gente  
ocultem céus sob ondas esfumosas e azuláceas  
  (talvez grisalhas)  
embalem-nos com místicas melopeias  
estrídulos klaxons e apitos  
  ultra e infrassons  
  metálicos  
  mecânicos  
  como o homem  
cantem do aço as palavras  
  de titânio  
e do urânio façam diálogos atômicos  
(sem esquecer plutônio, árgon e os outros)  
escavem galerias subterrâneas  
  labirínticas  
por fim  
  (se houver quem o faça)  
  semeiem cabeças de mulher  
  nos caules peciolados  
o kif  
  o hash  
    o peyote  
  viagens de mescalina ao centro do mundo<sup>2</sup>  
delirem com wakeman  
os cogumelos mágicos  
  gigantes do riso  
  sem vontade nem siso  
sensações novas por inventariar  
seis horas sob chuva cósmica  
celeste mergulho de cadentes estrelas  
mil sóis  
  o ritmo primário

---

<sup>2</sup> Rick Wakeman's "Voyage to the centre of the earth"

a cadência beat  
memória ancestral  
poesia mística de pedras por decifrar  
o voo atávico  
alento último no suor dos corpos  
dança da chuva em traje de circunstância  
vindos de nem-eu-sei donde  
marte, talvez  
fantasmas antigos  
soletram segredos esquecidos  
castelos sem tempo  
alquimias sem espaço  
olhos dilatados nas lonjuras  
lágrimas aceradas  
espadas de gelo  
sem medos

*onde o cruzeiro do sul?*  
perguntam duas virgens  
(fiz-me desentendido)  
voguei no vento sobre as areias  
ali mesmo  
caminhámos séculos  
até ao fim das bocas  
esperma salgado  
públicas efluvescências

## II

*- Já destruíram a face ao planeta! - exclamo*

pássaro algum entoou o cântico da meia-noite  
é dia  
esquecido de mim  
perdido sem lembranças  
ou nome  
ou nexo  
o sexo viril  
húmido  
pendente  
de tuas ancas descarnadas  
vagina sem dono  
no pomo desta maçã  
percorro deltas de fomes infenecidas  
farejo bosques que urbe alguma sepultará  
cerca da fogueira  
teus ossos me ardem  
remoçaste um parto louco



sedes irreprimidas

### III

#### ANIMALS!

sussurra incrédulo o gordo careca  
agita branco de raiva (ódio?) seu panamá  
*nasty pigs!*  
rosna a dona do pekinois rançoso  
espojavam-se nas rochas  
sem dunas  
vasado o sémen no útero peregrino  
gemia sussugante wonder alice  
nas maravilhas do meu país  
nuas órbitas  
olhos e phallus  
plástico transistor aos sapatos da jovem  
sem pés  
vozear rítmico do *kecak*<sup>3</sup>  
balinês de nove séculos  
*woodcarven e batiks*<sup>4</sup>  
bikinis por vender  
pele tostada e suja  
ávidos de americanos turistas  
o pregão infantil  
o coloquial regateio do preço  
ridiculamente pequeno  
dez vezes menor  
o exorbitante exagero do trabalho  
dez vezes mais gratuito  
duas notas de dólar por mil sorrisos  
cheias mãos de antiquário  
comprador de almas  
sem sonhos

### IV

longe o surf  
o vulcão silente de *kintamani*  
corais  
tubarões  
pesca artesana  
a sombra supersónica dos jumbos  
milhares flutuantes  
vômito infrene de gente  
esvaziar o bojo e (re)partir

---

<sup>3</sup>Kecak peça do folclore típico balinês (Bali, Indonésia) pronuncia-se ketchup

<sup>4</sup>woodcarven, arte escultural em madeira talhada e lavrada minuciosamente  
batik, tipo de impressão a cores em tecidos, própria de Bali.

busca antiga de sentir novo  
despir dos hábitos a gravata  
férias sem rosto

historietas futuras

tédio adiado

burguês camuflado às flores

camisa, shorts e soquetes  
chapéu de palha e sombrinha  
óculos fumados e charuto apagado

embuste inexperenciado

o juro da alienação quotidiana

salário vitalício

a casa

a sagrada família

esta a pausa breve

fotos instantâneas a três cores

souvenirs de imitação

bagagens de bugigangas

gorjetas também.

V

no colmo da cabana o fumo denso

balbuciar desculpas

correr nu pelo palmar

beber o coco e o leite

*shiskebab* de formiga<sup>5</sup>

vegetais

soja

*chill*<sup>6</sup>

vinho de arroz, *chau ming* e *vantans*<sup>7</sup>

ninhos de andorinha

acorda amor!

*buddha sticks*<sup>8</sup>

ácidos paranoicos

cogumelos azuis

tão só para ti

paola

a chinesa nascida em itália

trincava *bikkies*<sup>9</sup>

<sup>5</sup> espetadinhas de formiga assadas na brasa.

<sup>6</sup> especiaria muito picante à base de piri

<sup>7</sup> *chau ming*, massa alimentar chinesa, mais fina que esparguete *van tan*, folhados fritos, típicos aperitivos chineses

<sup>8</sup> marijuana enrolada em pauzinhos atados e dopada em ópio

<sup>9</sup> diminutivo australiano para biscoitos

marcello dormia com a heroína  
 bíblico moisés afagava em tróia  
helena  
 jimmi hendrix em intravenosa experience  
 bev  
 a ruiva pintava originais de cetim  
 dick era ainda um *dealer*  
foragido mas feliz  
 cérebros vazios  
mas cheios  
tão cheios  
alheios  
 conversas jamais acabadas  
empolgantes  
 no limiar infinito do genial  
 corpos balanceando cadenciados  
afagos breves  
sôfregos e sensuais  
 bebedeiras de suor sem calendário  
 cá fora o bailado sagrado de homens deuses  
o *self stabbing* dos *kris* na carne crua<sup>10</sup>  
 terrífico ritual sem sangue nem dor  
 entre o êxtase e o clímax  
 caiem redondos de morte  
 atores da vida amadores  
 sacro licor os eleva de novo  
 investem frenéticos  
descontrolados  
oito possantes mãos os sustêm  
 macabro e belo espetáculo do *barong*<sup>11</sup>  
 iniciática peregrinação  
 bali - a ilha  
*banjal tegal-buni* o templo  
 civilização século XI  
 mescla hindú-nésia  
*kuta beach* a praia  
*ngaben* a cerimónia ao entardecer<sup>12</sup>  
 liberta do corpo a alma  
 a procissão  
as flores  
a grande festa da morte  
 oferendas na torre crematória  
 barcos cortejam as cinzas na noite  
 este o paraíso e já perdido  
 início?  
fim?

<sup>10</sup> Kris - adaga longa e recurvada. self-stabbing - autoflagelação com adaga.

<sup>11</sup> peça do folclore místico de Bali, séc. IX-XII

<sup>12</sup> cremação

viagem louca  
a fome gelada de katmandu  
o desprezo total em goa  
lentos estádios da libertação  
ardentes delírios tropicais  
desconexa a fluente discursividade  
arrastando da febre o esqueleto

comer sem fome  
o *gado-gado*<sup>13</sup>  
*shop-suey*  
*cap cay*<sup>14</sup>

## VI

janine a louca se masturba no térreo adobe da prisão  
contrabando de narcóticos

denúncia premeditada

despeitado amante javanês

regressará num *bemo*<sup>15</sup>

quinze lugares sentados  
três os meses em atraso

amigos em trânsito

ávidos dentes nos *perama's cakes*<sup>16</sup>

árida sede dos *Pernod's* à *Poppies*<sup>17</sup>

joe cocker era tema no estrado

a dutch princesa olhava altiva

sotaque rolado

juntos entoamos hinos odiosos

à europa distante

brian parodiava liverpool mineiro

chegando bliss e o seu petiz-lord

(made in *grosvenor* - londres

em *buckingham* um queer

marido e *M.P.*<sup>18</sup>)

vestia 1920's com capeline

abominava libras sem ouro

como quem despreza

katut lembrava o mote

alguns saíam em curta *trip*<sup>19</sup>

*"please! no gettin' loaded on poppies!"*<sup>20</sup>

<sup>13</sup> gado-gado, pronunciado gádú-gádú, salada vegetal típica da indonésia

<sup>14</sup> shop suey e cap cay (pron. tchá- tcháí) comida típica chinesa, pequenos aperitivos feitos de legumes e vegetais em fogo forte.

<sup>15</sup> pronunciado bímo, transporte coletivo: pequena carrinha motorizada, com caixa fechada para passageiros, com capacidade de 6 a 15 pessoas, num espaço mais conducente ao transporte de quatro adultos.

<sup>16</sup> bolos de banana típicos do restaurante Perama.

<sup>17</sup> Poppies, bar mais conhecido e mais internacional de Kuta Beach, Bali, no início da década de 70. Arrasado em 1980 para dar lugar a mais um complexo turístico.

<sup>18</sup> queer - homossexual. M.P. membro do parlamento inglês.

<sup>19</sup> viagem em jargão de droga

serviam um *meat taco*<sup>21</sup>  
   *pineapple sundae*<sup>22</sup>  
 sorriam-me “*cum çtáz amigu*”  
   *e mais não sabiam*  
 george encolhia ombros  
   lembrando a posse  
 resignada e terna joanne  
   dezoito apenas  
   *brisbane*<sup>23</sup> no início  
   *topless* e *scarf*<sup>24</sup> ao vento  
 rãs coaxavam no lago de nenúfares  
 ginsberg (alan) incómodo e desconhecido<sup>25</sup>  
 barry bongo<sup>26</sup> a tiracolo na guitarra  
   gestos adocicados  
   lenço *cache-nez*  
   kebaya antiga<sup>27</sup>  
   púrpura e cetim  
 barry mckenzie  
   vinte filmes épicos  
   dez mil cervejas  
   uma austrália de compêndio  
   alice springs e o deserto vermelho<sup>28</sup>  
 clare declamava shakespeare sem saber

## VII

mais tarde houve luar em *legian*  
 margret falava de sindicalismo *ACTU*<sup>29</sup>  
   petiscando *friend noodles*<sup>30</sup>  
 éramos como jovens e ingénuos  
  
 helen ansiava banguete em reforços  
   vinte quilos de *thai*  
   *bob hope* cocada<sup>31</sup>  
 todos pintávamos em silêncio  
   infernos de *dante*  
   o *allighieri*

<sup>20</sup> por favor não fiquem ‘pedrados’ no poppies.

<sup>21</sup> meat taco, enchilada, pão com carne á moda mexicana

<sup>22</sup> espécie de gelado ou sorvete de ananás

<sup>23</sup> importante urbe na costa nordeste da Austrália, capital do estado da Queenslândia

<sup>24</sup> topless - sem a parte superior (top) do bikini. scarf - lenço para o cabelo, cachecol, véu.

<sup>25</sup> alan ginsberg, poeta norte-americano, controverso e radical, famoso a partir dos anos 50.

<sup>26</sup> personagem típica de filmes australianos da década de 70, personalizando um australiano, mediano, e diferente dos restantes, europeizados.

<sup>27</sup> cabaia típica, originária da Índia

<sup>28</sup> única cidade do interior desértico da Austrália, no território norte, em pleno grande deserto vermelho.

<sup>29</sup> a central sindical australianiana, Australian Confederation of Trade Unions

<sup>30</sup> massa alimentar chinesa, tipo esparguete que pode ser liso e chato ou muito fino, e servido em tipo sopa com vegetais, carne ou mariscos ou como prato principal acompanhado por vegetais, mariscos ou carnes

<sup>31</sup> thai, bob hope, dope - droga, marijuana da Tailândia enriquecida com coca, ou mesclada com ópio

viver num *losmen*<sup>32</sup> é regressar  
à amizade original  
ao sabor de início de mundo.

### VIII

noutra qualquer manhã  
domingo  
*javanese dudes*<sup>33</sup> excursionavam  
pele alvar  
*kamera* ao peito  
*flashes* ao pôr-do-sol  
como japoneses que não eram

anette a vegetariana  
fugia da praia  
imaginando-me russo branco  
num curto intervalo de calendários  
amor com carácter de despedida  
ao canto chorava um xilo(bambu)fone  
*uncle sam* perdia ao xadrez  
desatento espreitava-nos.

### IX

quando as chuvas voltaram  
fomos a *bangli*  
no sopé do vulcão  
o lago e a negra lava  
fazia frio  
disfarçados de turistas  
*ma non troppo*  
ouvíamos um *classical*<sup>34</sup> tão americano  
arengava anticomunismo<sup>35</sup>  
anti-isto  
anti-aquilo  
(não mais me falaria  
odiava desertores  
antes isso!)  
lascivo  
comia os cabelos encarnados  
do último tango em paris<sup>36</sup>  
zanguei natalie f.  
um nome francês e sardas verdes

<sup>32</sup> losmen, casa comunitária: espaço habitacional aberto onde residiam os turistas mais económicos em bali, na década de 70

<sup>33</sup> saloios da ilha de java.

<sup>34</sup> típico, no pior sentido.

<sup>35</sup> a norte-americana e sul-vietnamita saigão cairia em 1975 nas mãos dos vietcongues, e estava assediada naquela época da guerra

<sup>36</sup> alusão sexual ao filme de marlon brando e maria schneider "o último tango"

xaile nos ombros nus  
unhas lilás e preto  
e branco e azul ou  
saudades de torremolinos  
olé!

julie  
hospedeira pan-am  
fornicava no lençol de flanela  
intenso aroma evolava do *chilum*<sup>37</sup>  
um casal de múmias ocidentais regateava estatuetas falsas  
clapton matava o sheriff<sup>38</sup>  
na esquina em frente um teatro de sombras  
*big fatty* mardej mercadejava *sarongs*<sup>39</sup>  
a pequena dayú comia *babi kecap*<sup>40</sup> em molho doce  
karen acenava um adeus  
até à coroação no nepal<sup>41</sup>

(e do futuro  
uma voz gritava  
era assim naquele tempo)

amarelecido retrato  
tombou a meus pés  
incomodado levantei-me  
e saí.

---

<sup>37</sup> cachimbo cónico para fumar marijuana

<sup>38</sup> Eric Clapton "I shot the sheriff" LP 461 Ocean Boulevard

<sup>39</sup> vestido típico, tipo saia indiano e balinês

<sup>40</sup> pronunciado bábi ketchup carne de porco frita

<sup>41</sup> 11 fevereiro 1975, coroação milenária do rei do nepal

## 469.2. le poisson d'avril, abr 1, 1976

(hoje, todos os jornais cumpriram  
nem uma só mentira se imprimiu  
era a verdade toda  
a do sonho não vivido  
talvez possível  
em letras garrafais

- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -  
proclamava o editorial)  
a duas colunas no canto esquerdo  
a páginas quinze  
era minha a foto e o nome  
nem me impressionou!  
ri mesmo com despreendimento  
negra cruz encimava frontispício  
dizeres os do costume  
a missa presente no corpo do finado  
hora a habitual  
na residência  
o féretro saíria para jazigo familiar  
lembram-se de cada!  
(claro que me importei quando o padre disse  
que **ELE** me chamara à sua presença)  
todos compungidos  
choravam rezas e eulogias  
vestiam negro  
exceto as flores  
e as palavras vazias  
adivinei um sorriso dissimulado  
nos lábios da viúva  
andei por aqui e ali  
ouvindo este e aquele  
pediam à minha alma  
que os libertasse  
queriam alívio  
disfarcei-me por entre sombrias colunatas  
e fugi

(ainda hoje me procuram!)



## 469.1. dia de enganos, abr 1, 1976

nesse dia acordou irritado  
logo por azar estremunhado  
notaria a seu lado  
a mulher  
morta há dez anos  
os ossos espalhados pela cama  
pressupunham  
aqui e além  
um certo descuido  
mas que diabo!  
voltou-se para a janela  
tentando adormecer uma vez mais  
invariavelmente o fazia em dias como aquele  
foi então  
atiraram a bola à vidraça  
o quarto ficou estrelado  
mil sóis recortavam-se no ladrilhado  
esforçou-se por manter a calma  
ocultou a face no travesseiro  
agarrou a almofada  
freneticamente  
num esgar sensual  
ao longe tiniam campainhas  
não havia dúvidas  
iria ser um dia mau  
decidiu-se a folhear o matutino  
recusou-se a acreditar  
limpou os óculos  
estava lá  
sem engano possível  
em título de caixa alta  
em editoriais se consagrava  
o sonho supremo da humanidade  
por decreto presidencial  
dum senhor que ninguém elegera  
ia ser promulgada e publicada  
no diário da governação  
com força institucional

### A **DEMO** - C R A - C I A

em termos mui solenes  
o governo advertia  
dentro de 24 horas  
em cerimónia apropriada  
nascia a democracia  
e zás! nem quis ligar a televisão

quieto e calado tresleu  
era demais!  
violento choque!  
democraticamente  
sem se dar conta  
caiu para o lado com um baque surdo  
morreu na cama  
e em jejum  
democrata de nascença.

**488. gostava de ser poeta, macau dez 17, 77**

já o disse  
    e repito  
os poetas não têm idade

na descoberta de mundos  
                            mais-que-inventados  
medram com a palavra  
                            sempre e só  
suicidais experimentações  
                            estéreis agonias

(ah! como eu gostava  
                            de ser poeta  
viver outras vida  
                            utopias).

**487. a grande muralha da china. nov 1977, dez 10, 1980**

caiu um governo  
                                  no meu velho país  
não caiu da cadeira  
                                  nem de podre  
sem sangue  
                                  nem golpes  
                                  nem revoluções

CAIU DE POBRE

lá dizia Eça e goso  
                                  isto de ser democrata  
                                  não paga rendas  
                                  nem dízimos  
e aqui neste sagrado nome  
                                  da cidade  
                                  de deus  
a mesma paz putrefacta  
a corrupção-dos-dias-por-haver  
o silêncio-das-vozes-por acordar  
                                  esta também  
                                  a grande muralha da china  
  
e é um mito.

## 489. os grandes atos heroicos dez 18, 1977

viva  
a compostura beatífica  
nossos semoventes cadáveres  
diariamente  
face-a-face  
no espelho do alter-ego  
e somos  
fazemos  
dizemos  
**NÃO!**  
a grande farsa  
o hábito antigo  
iludimo-nos em sonhos já usados  
pelas ruas  
cafés  
casas  
nos passeamos  
até na cama  
como se fôssemos  
outros  
tristes robôs de nós mesmos  
articulamos a coragem  
para dizer basta  
para despir a máscara  
como quem expõe  
a nudez da cobardia

### ESTES OS GRANDES ATOS HEROICOS

atirar a canga da mentira  
dilacerar a putrefação do fingimento  
mórbida estupefação  
e já viver  
é uma sentença  
conspiratória  
compulsiva  
inocentes ambiciosos  
liberdades inconquistas  
prisioneiros da fome  
de ocultar misérias  
em gestos lentos  
premeditados  
socámos o espelho  
da nossa imagem  
outra.

# MUNDI





Mark Garkinkel / The Boston Herald



### 438.3 habito uma ilha, dili, abr. 4, 1974

oito séculos  
história ao desbarato  
missionante império  
memórias de povo  
                                  sem novas gestas  
colonizante cansaço  
precoce esquecimento  
(multi)raciais sociedades  
                                  para colorir  
(pluri)continentais  
                                  para exportar  
e um discurso mais

                                  prisões  
                                  medos  
                                  silêncios

quarenta-e-oito-invernos  
                                  e os infernos?

- HABITO UMA ILHA -



442. prazeres sem orgasmo, dili, abr. 25, 1974

pragmática palavra  
hierático sorriso  
das crianças suburbanas  
nas ruínas de lata  
obscura idade do gesto  
ódios ignotos  
ilhas à deriva  
cerca  
    - da fome  
                    dos olhos  
- este o uterino vértice -  
heréticas noites de silêncio  
ignaras letras excitadas  
tamanho normal de povo

o som primeiro  
    impresso  
    subalterna vida  
        o bairro  
habitante incómodo  
    do ócio  
plasmando a cidade  
  
a fadiga desnuda  
    a sombra  
        ex/ato  
        ex/voto  
    o infólio  
no estertor

- É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ  
PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO -

a mulher  
a televisiva telefonia  
amorfa consciência  
cercearam  
o plano antigo inclinado  
 $h^2 = a^2 + b^2$   
do quadrado da hipotenusa  
relógio imperfeito  
ao limiar do ser  
cerco do universal enfado

vulgar objeto  
de anestesiá-lo  
    o pesadelo  
irredutível ascensão  
em queda abrupta  
a razão inversa  
a concêntrica marcha  
da geração perdida  
    o haver  
indizíveis cansaços

- tranqüidolente marasmo  
                            mais um dia  
na nudez proverbial  
                    deste meu povo  
construtor ingênuo  
                    de prazeres sem orgasmo  
ou seria de orgasmo sem prazer? -

## 432. eurasiamente à vol de 747b

### I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO *telavive, set. 19, 1973*

alando de paris logo passamos o azur da côte  
sem escândalos nem coroas arruinadas  
escarpas e praias despidas de homem  
nove mil metros restituem à natura  
impolutas ficções

(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias  
logo a seguir à itálica bota  
corfu vigia em tons de ocre  
em tempos creta foi nome de ilha  
na mitologia de zeus).

da turca ankara sobrevoámos izmir  
mandam-nos regressar  
estamos no oriente-do-meio  
a guerra volta dentro de dez dias  
e só dura seis

telavive é um amontoar branco de colinas  
um algarve deslocado  
na planície árida velhos aerodespojos  
entram comandos autometralhadorizados  
importunam  
espiam  
revistam

obrigados e silentes  
somos a abrasadora quietude do jumbo  
partiremos  
sempre mais tarde que previsto  
no deserto amarelecido qual alentejo  
repousam monstros de muitas lutas  
nos *kibbutz* labutam formigantes sionistas

- este povo traz consigo o estigma  
da aniquilação  
própria e alheia  
cheira a morte. -

### II. A TERRA DOS PERSAS *teerão, set. 19, 1973*

embaixo sorriem sombras  
minúsculos pontos rasgando a treva  
quilómetros de fantasmas ancestrais  
casas talvez brancas

bairros de adobe  
avenidas ocidentais  
mesquitas  
na poeira do cansaço  
um nome semi-mágico  
teerão  
a história do xá  
um povo sem voz  
à espera  
o silêncio compungido do imperialismo  
aterrámos lado a lado com estrelas ianques  
estranho porto no coração do petróleo  
persépolis foi há 2500 anos  
o mito de alexandre  
hoje.

### *III INDIANA UNIÃO nova delhi, set. 19, 1973*

a meu lado um saxónico cacareja  
o nojo imenso da miséria  
suja imundície  
estamos em delhi, a nova  
capital das castas  
ghandi morreu há muito e era mahtma  
índira é mulher e déspota ao que dizem  
país estranho de contrastes e civilizações  
dele guardo esconsas imagens  
fome e pobreza  
estamos no subcontinente da morte lenta  
aliviado respiro  
ao deixar o hindustão

### *IV. NO REINO DO SIÃO bangucoque, set. 20, 1973*

é já dia  
os arrozais me espreitam  
verde o país  
castanho é bangucoque  
em plena pista búfalos pachorrentos  
a banhos de lama  
camponeses debruçados  
nos pântanos colhem o arroz  
pequenas árvores dividem o asfalto  
chove lá fora  
sob 42° C de sol  
lufadas de calor húmido nos penetram

densa respiração no ar por condicionar  
 lentas formalidades num inglês arrevesado  
 a vida possui aqui uma lenta ritmia  
 todo o tempo nos espera  
 nas autoestradas camionetas com jovens  
 patrulhas militares  
 todos os veículos se cruzam dos lados todos  
 coloridos templos incrustados de pedrarias  
 ouro maciço de budas  
 descalços com cintos sagrados  
 nos embasbacámos  
 este o país do mistério  
 igrejas e fortes portugueses  
 memórias de tratados reais siameses e lusitanos  
 o mercado flutuante é uma cidade imensa  
 longos canais pútridos nesta veneza oriental  
 sente-se o aroma do dólar nas ruas  
 por entre golpes de estado adiados  
 a cem quilómetros se combate  
 é o apelo do futuro  
 os thais são simpáticos e ardilosos  
 milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus  
 os preços função da nacionalidade  
 no faustoso erawan hotel  
 o luxo grandiloquente oriental  
 a sofisticada comodidade do ocidente  
 uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos  
 para lá das faces mudas  
 se encerra  
 o mistério  
 o convite  
 voltarei um dia.

*V. TIMOR baucau e díli, set. 20, 1973*

timor cresceu cercado  
 lendas que a distância empolgou  
 o sonho  
 a quietude  
 as 1001 noites do oriente exótico  
 o sortilégio dos trópicos  
 para o europeu  
 chegar era já desilusão  
 desprevenido  
 sobrevoa estéril ilha  
 montes e pedras  
 agreste paisagem sulcada

leitos secos  
 abruptas escarpas  
 terra sem marca de homem  
 esparsas cabanas de colmo  
 será isto timor?  
 o avião desce o vazio em círculos  
 em vão os olhos buscam a pista  
 por trás de um montículo imprevisto  
 se vislumbra o "T"  
 e a torre de controlo dos folhetos de propaganda  
 nunca existiu  
 a alfândega é o bar  
 a sala de espera  
 sob o zinco e o colmo  
 isto é baucau  
 aeroporto internacional  
 a vila salazar dos compêndios  
 que a história esqueceu  
 uma turba estranha se amontoa  
 à chegada do *cacatua-bote*<sup>42</sup>  
 o *patas-de-aço*  
 esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro  
 descendo dos céus  
 dia de festa para os trajas multicoloridos  
 o contraste do castanho de sóis pigmentados  
 cinco da matina  
 e é já o pó e o calor  
 o espanto mudo nas bocas incrédulas  
 as formalidades aqui com sabor novo  
 espera lenta e compassada  
 séculos de futuro por viver  
 antes que ele venha  
 antes não venha  
 num barracão zincado  
 uma velha bedford  
 de carga com caixa fechada  
 vidros de plástico sob o toldo puído  
 pomposo dístico colonial  
 carreira pública baucau-dili  
 picada em terreno plano  
 mar ao fundo  
  
 baucau  
 cidade menina por entre palmares  
 densa vegetação tropical

connosco se cruzam estranhos homens de *lipa*<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> *cacatua-bote* ou *patas-de-aço* eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

galo de combate ao colo  
 entre torsos e braços nus  
 das ruínas do mercado se evocam  
 desconhecidos templos romanos  
 estrada n.º 1 até dili  
 sulcam-se abruptas as encostas  
 ao mar sobranceiras  
 ali se adivinham cristais multicolores  
 em lugar de pontes se atravessam ribeiras  
 enormes  
 leitões secos  
 o tempo as converteu em estradas de ocasião  
 pedregoso solo  
 cores indefinidas  
 castanhos e verdes  
*palapas*<sup>44</sup> dissimuladas na paisagem  
 imagens tristes de pedras e montes  
 baías primitivas  
 inconquistas  
 praias de despojos e conchas  
 paraísos insuspeitos  
 gentes de sorrisos vermelhos  
 assusto-me  
 não é sangue nas bocas gengivadas  
 masca, mescla de cal viva e *harecan*<sup>45</sup>  
 placebo psicológico da alimentação que falta  
 um sorriso encarnado esconde a fome  
 súbito  
 por paisagens que só a memória  
 sem palavras descreverá  
 eis dili  
 a capital  
 larguíssima avenida semeando o pó nas palapas  
 casas de pedra com telhados de zinco  
 na ponta leste chinas e timores  
 partilham a promiscuidade da pobreza  
 dili  
 plana e longa  
 a vasta baía antevendo imponente  
 o atáuro ilha  
 um porto incipiente  
 a marginal desagua no farol  
 construções coloniais pós 1945

---

<sup>43</sup> lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

<sup>44</sup> casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

<sup>45</sup> folha de planta semelhante à do tabaco

da guerra que ninguém quis  
dos mortos que os japoneses quiseram  
da neutralidade do país mãe  
calado e violado

albergam chefes de serviço  
altas patentes militares

sem guerras para lutar  
sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto  
três casas dantes da guerra grande

aeródromo em terra batida  
um jipe de afugenta búfalo  
a rua comercial atravessa dili senhora  
de leste a oeste  
espinha dorsal

o centro  
o palácio das repartições  
do governo

perto um museu  
o seu nome ostenta o vazio  
riquezas sem fim  
seus governadores exportaram  
patriotas

colonizadores de séculos com nada para mostrar  
um museu morto  
dois sinaleiros nas horas de ponta

ociosos às portas dos cafés  
à noite transfiguram-se  
os *bas-fond*  
o texas bar  
da prostituição às *slot machines*

o submundo  
a vida underground  
afogar esperanças em álcool  
sonhos há muito perdidos nunca sonhados

restaurantes poucos  
melhor comida a chinesa

bares espalhados pela cidade  
militares e álcool  
para calar distâncias

um portugal dos pequeninos  
longínquo

cada vez mais  
esquecido  
nunca perdido.

1973 numa cidade sem vida

morrendo nas cinzas próprias de cada noite  
 por entre o silêncio e a voz triste dos *tokés*<sup>46</sup>  
 o calor putrefacto  
 por entre o voo alado das baratas gigantes  
 carros poucos  
 de dia só do estado  
 motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes  
 esperando mulheres de oficiais  
 às portas dos cabeleireiros  
 do liceu  
 militares a pé  
 em berliets ou unimogs  
 chineses muitos  
 dili é isto  
 a desolação  
 na parte alta da cidade  
 o complexo militar  
 barracas insalubres  
 sob a sombra dos hospitais  
 um civil um militar  
 fresco e verdejante vale  
 triste esta cidade  
 pretensamente euro-africana  
 palapas marginando ruas  
 nelas vive o timor  
 sem água nem luz  
 dez ou quinze filhos  
 que importa  
 a miséria é só uma e a mesma?  
 esta *"a terra que o sol em nascendo vê primeiro"*  
 aqui as imagens  
 e são já história  
 não se repetirão  
 aqui não daremos testemunho  
 como transfigurar  
 colónias pacíficas  
 em palcos de guerra.

---

<sup>46</sup> espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som *toké*.



### 433.1. bucólica bobonariana-1, bobonaro, nov 23, 1973

a colina à esquerda ergue-se mansamente  
sem pressas  
caminha do mar  
reproduz-se altiva  
pico agreste me vigia  
não há vegetação  
nem sinais de gente  
(terá emigrado daqui a seiva?)  
as rochas puras ainda  
primitivas  
nascituras  
erguidas por ciclópicas mãos  
do fundo dos mares  
quedaram-se ostensivas  
desafio de nuvens eternas  
arbustos pequenos  
insignificantes como as gentes  
misturados na paisagem  
espraia-se na vastidão o olhar  
(começa em mim)  
e só montes  
pedras  
horizonte  
e eu aqui fechado  
cercado  
ilha de mim próprio  
o vale profundo  
(talvez abismo, talvez acusação)  
resisto  
diviso emaranhado das brumas  
ciscos amarelos  
(segredam-me *são casas de gente*)

ENTÃO PARTO.

sem hesitar cavalgo  
pedras  
ribeiros  
encostas  
subo  
desço  
torno a subir e nada destrinço

insensível à rude beleza  
 atinjo inóspito cume  
   estranhamente plano  
 nele plantaram casas  
   cinco  
   seis  
 uma ao centro  
                           *lúlic*<sup>47</sup> dizem-me  
 baixo-me e entro  
 teto erguido a pique  
 muro de pedra a tocar baixo sobrado  
 térreo madeirame trabalhado segue as vigas  
   quadros sacros  
   sol  
   elementos  
   animais  
 no andar elevadiço  
   um lar entesourado em morada última  
 assusto-me  
   em volta ósseas relíquias  
 cheiro imenso a fumigação

saio  
   respiro ar puro  
   sacrossanto  
   das montanhas cercanias  
 uma laje quadrada  
 uma placa ereta  
   tipo tumular  
 flores murchas e perdidas  
 casas sem muros  
 no andar térreo  
   animais se abrigam  
 por cima pessoas  
   alojadas  
   deitadas  
   a nascer  
   a cozinhar  
   a comer  
   a dormir  
   a morrer  
 quando as chuvas tombam  
   e o colmo amolece  
 quando o sopro do vento vem  
   rasgando a mirrada pele

---

<sup>47</sup> *lúlic* significa sagrado em tétum

quando *maromác*<sup>48</sup> se zanga  
nascem surdos lamentos  
ninguém ouvirá.

olhei  
vi gente  
acocorada  
semidespida  
esquelética  
nuas crianças  
algumas de colo  
a mim chegaram  
sorrindo orgulhosas da sua alva pele  
pedindo as fotografasse  
tartamudeavam *malat*<sup>49</sup>  
como quem se afirma  
compreendi esse estranho orgulho  
ilegítimo  
bastardo  
mulheres se alugam para não perecerem  
da fome vil  
quando novas servem de pasto  
a abutres forasteiros  
depois  
escavacadas  
descarnadas  
desdentadas  
mascando infindáveis sementes  
esboçam sorrisos  
para a objetiva acusadora e cúmplice  
não mais suportei este dantesco inferno  
saí  
acenei  
voltei as costas  
voltei ao exílio  
- ENOJADO -.

---

<sup>48</sup> o equivalente a deus em língua tétum

<sup>49</sup> designação dada aos brancos pelos timorenses

450. o teto do mundo. dili, dez 3, 1974

como romper as palavras?  
o som e o lamento do ai-tassi  
sagrado lenho

em ti se moldaram  
faces e rugas milenárias  
caminhos de teto do mundo  
nas mãos vazias viaja o passaporte  
para que não sucumbas hoje  
há muitas mortes nos amanhãs

teus pés ligeiros voam vinte quilómetros  
o cacho solitário que colheste  
bananas com que não matas as fomes  
enganas *malai* com parco lucro  
escudo *lima*<sup>50</sup>  
e teu rosto infantil e puro  
sorria  
vendeste a sobrevivência duma semana

caminhas curvado e galgas montanhas  
teus os reinos de Railaco e TataMaiLau<sup>51</sup>  
por isso retornas e teu sorriso é jovem  
na cal e harecan misturas o prazer e o engano  
também teu estômago sorri confiante  
também tua a linguagem do corpo  
no regresso de braços dolentes  
firme em teu braço direito  
o teu combate de penas  
pobre mercador de ilusões em galos de luta  
acaricias teu ganha-pão  
teu desporto  
e apostas  
mais  
sempre mais  
são tuas as lágrimas  
a revolta e a derrota  
é teu o sangue e o alimentaste  
guardas o estilete acerado  
não decepou medos

---

<sup>50</sup> o equivalente a cinco escudos em moeda de timor

<sup>51</sup> picos mais altos de timor, rondando os 3 mil metros de altitude

são tuas as planícies e as ribeiras  
as torrentes inundaram o arrozal  
e ris do grande engenheiro *malai*  
levaram pontes e caminhos  
como do búfalo do china luís  
navegando rumo à liberdade  
nem pensas na tua

das árvores pendem camarões doces do rio  
e o pequeno jacaré  
faz o cruzeiro oceânico Ribeira de Seiçal-Dili  
*maromác*<sup>52</sup> sabe  
*maubere é diac*<sup>53</sup> e vai passar  
esse o lado outro do abismo.

---

<sup>52</sup> maromác o equivalente a deus em língua tétum

<sup>53</sup> maubere é diac, o timorense é bom, coisa boa

434. a lepra. bucólica bobonariana 2. bobonaro, nov 23, 1973

(permaneci calado  
traído por pensamentos galopantes  
onde as mulheres  
cadê as crianças?  
que gente esta  
donde vem?  
que peso arrastam  
penosa  
mecanicamente?)  
ao longe divisei um ancião  
vergado como uma aduela  
corri para ele  
inspirou-me medo  
fez um gesto vago  
um arremedo  
a suster-me  
estaquei na distância  
nem um pássaro riscava a muda quietude do céu  
tremi  
como se de súbito  
me penetrassem  
as respostas todas  
virei costas  
e corri  
corri  
corri  
e aqui estou  
hoje  
a dar-vos conta  
do que vi.  
eu vi-os  
de olhar gasto e gestos caídos  
vinham com neves eternas nos cabelos  
enxada às costas  
vergados ao peso de séculos  
maltrapilhos  
descalços  
rotos  
bronzeados por sóis perdidos  
na memória dos tempos  
uma grande fome para contar  
e o silêncio sem fim  
de todas as solidões

falei-lhes  
     acenaram sem se deterem  
 cadência de autómatos  
                     sem vontade  
 explicaram por gestos  
                     o que presumi sorriso  
                     onde só havia gengivas descarnadas  
   informes

perguntei  
     donde vinham  
     de que estranha guerra  
                                     sobreviviam

sem abrandarem a insólita marcha  
 puxaram da bia sem idade  
                             acenderam-na na concha dos dedos recurvos

suspiraram  
     fundo  
             como jamais ouvira  
 era um sopro indefinido  
                     murmurado  
                             amargo

entretanto havíamos chegado  
                             povoado estranho

sem gente  
     nem cães  
         ladrando em redor

casas estranhas  
     elevações de colmos  
     suspensas de estacas  
     mudas  
     sem janelas  
     nem portas

um silêncio velho de morte  
 deixar a alma  
     deste ritmo  
             parar

deixar o instante  
     deste tempo  
             renascer  
                     eterno

esta a proposta  
     inicial  
         iniciática  
             até lá, como?

#### 445. para que não digam, 25 set, 1974

*ao dr buceta martins, fascista dos antigos  
na direita o fâscio, na esquerda o chicote  
o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam  
a mordança acabou  
a voz é livre  
o futuro é novo  
pintaremos o silêncio  
que nos impõem  
calaremos os sonhos  
dos jornais que lemos.

sabemos nossa a vitória final  
ou talvez não  
cântico da luta  
a palavra ressuscitada

aqui timor  
aqui dili  
o fâscio perene fidedigno  
insuspeito nos bastidores  
da obsoleta ordem nova  
este o mundo sem denúncia  
porque o medo  
sem progresso  
porque o interesse  
sem abril  
porque  
os cravos murcham  
nas estrelas da rosa-cruz  
o trabalho é um dever  
divino  
de obediência  
perdida no espaço  
já que tempo nunca teve  
esta a terra dos parasitas  
inaptos  
corruptos  
exilados das grandes batalhas  
aqui o poder discricionário  
o absentismo forçado  
a passiva repressão  
uma-a-uma todas as vozes



silenciadas  
o charco estagnou  
idólatras do verde rubro  
simbolistas de fé nenhuma  
tiranos cujos ecos  
nos perseguem  
mijai-vos de indignação  
babai-vos de orgulho insalubre  
a grande farsa acabará  
um dia  
sem a razão  
única e arbitrária  
sufocados pelos gritos de piedade  
afundar-vos-emos na merda  
que vos sustenta  
e alimenta  
vingar-nos-emos  
com o riso aberto  
sem incriminações  
aqui timor  
aqui dili  
a voz colonial da oceânia.

#### 486. tai pan, macau, out 15, 1977

raiam auroras  
na cabeça-de-jade-do-dragão

e o enorme olho de fogo  
vomita sua fúria

nos mares se aprestam  
as lorchas  
sem porto de abrigo

TAI PAN senhor das gentes  
bramava imprecando  
e nós assistindo.

\*\*\*

\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

#### 484. tufão, macau, jun 27, 1977

vês tu  
angie dear

é um tufão  
e se aproxima

o mundo acontece sempre lá fora

as revoluções dão-se apenas  
em cada um  
de nós.

### 451.1. porque jovens, bali, dez 3, 1974

eram jovens  
                  por isso partiam  
nas mãos os cravos  
nos lábios mil sangues  
                                  por florescer  
os corpos amadureciam quando matavam  
  pilhavam  
  violavam  
era o fogo das balas  
                                  as granadas  
  o napalm  
  a carne para canhões  
porque jovens  
                                  cantavam impolutos  
e as mãos decepavam  
a saudade desilusionada  
irmãos todos  
                                  fratricidas  
o papão fantoche do governo  
lhes ensinara o decálogo de guerra  
  indesejada  
porque jovens  
                                  partiam obrigados  
nos sonhos  
                                  armada a verdade  
vulcões por semear  
                                  sangrando campos  
  estiolavam  
eram os braços emigrados  
                                  era a fome  
eram soldados  
                                  era o povo  
porque soldados e povo  
                                  partiam  
levavam ódios insentidos  
cumpriam destinos alheados  
nos lábios as palavras  
                                  e eram amor  
o alfabeto dos oprimidos  
                                  para uso interior  
  lá onde os regulamentos não mandam  
pelo caminho  
                                  eram a voz e a bandeira  
o povo sorria às armas  
libertado caminhava  
                                  no braço armado do povo.



#### 443. post-scriptum (a andré breton), dili, jun 16, 1974

como num mundo outro  
em mim  
    aguda memória  
                    inenarrável  
caminho no fogo das mãos  
é nossa a estrada  
alheios  
    os calendários o negam  
no vento da derradeira galáxia  
nascitura terra  
    fálica linguagem  
precipitámos cegueiras  
                    violento abismo

- momento zero na viagem do corpo-

fomos a lava e o magma  
    ébrios  
            exaustos  
incendiário batismo bíblico  
construímos a casa e as areias  
    nove  
        para ti  
            eram os meses infenecidos  
hoje  
    palavras intimidadas  
            seminolentes  
                cerne de alquimias  
para quê crer  
    utopias suicidas  
o país o decepam  
    apáticos  
direi mesmo  
    apátridas  
        resignados  
assistimos  
gerámos a hidra  
    agnósticos  
        incréus  
            expectamos  
das cinzas  
    das ruínas  
        obnubiladas memórias  
aqui começa  
    a medieval noite  
        silêncio de vivos com morte nos olhos.

**457. ociosidade. porto, nov 6, 1975**

viver é já demasiado  
  dispendioso  
inútil quotidiano  
  sem palavras  
nem atos  
viver esqueletos  
  memórias carunchosas  
perdida a grande corrida  
  por todas as vezes  
encontrados fomos  
  perdidos somos  
viver é este hábito  
  ocioso  
mil silêncios nos unem  
  são talvez definitivos  
vazia a grande casa  
  do espírito  
o corpo oco  
  soergue-se e cai  
trinta e um os medos  
longas as vigílias  
mil vidas se esvaíram  
é já inverno dentro dos sonhos  
castelos desfeitos  
  abandonámos  
  porquê,  
  para quê,  
  meu amor?

## 495 colonos do mito, fev 27, 1981

vinham de longe  
do desespero  
                  acalentavam a esperança  
incrédulos chegaram  
                  temerosos  
altivos cresciam  
                  com o tempo  
impantes já e esquecidos  
                  mas conquistadores  
donos deste e do mundo outro  
intolerantes viviam  
                  ambiciosos se tornaram  
ano após ano  
                  se compravam  
                                  se vendiam  
eles  
    os grandes colonos do mito

à boca de cena nasciam  
                  e era normal  
vinham em bandos  
                  como pragas que eram  
                                  sugavam e partiam.

483. no imortal lenho. out 12, 1976

no imortal lenho ardente sarças  
sardas  
e  
garças

bardos                      pardas  
bastardos

farsas                      tardas  
fardas

persas                      graças  
perdas                      guardas

narças  
nardas  
e  
negaças

sargaços



